

Fenomenologia

Phenomenology

Yuri Alexandre Ferrete , Pedro M. S. Alves

A presente entrevista foi realizada no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, com o Professor Doutor Pedro M. S. Alves, docente do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O Professor possui título de doutor em Filosofia obtido com a tese *Subjetividade e tempo na Fenomenologia de Edmund Husserl*, aprovada com distinção e louvor. Seu vasto currículo e produção intelectual da mais alta qualidade, como seu mestrado que tem a aprovação com o mais alto grau, tornou o Professor Pedro um dos maiores nomes da Fenomenologia no Mundo. Junto às suas produções de intento pessoal, é também o principal tradutor das obras de Edmund Husserl para língua portuguesa, tornando-o o principal responsável pelo desenvolvimento do campo fenomenológico nos países lusófonos.

A entrevista tomou como centro questões sobre a Fenomenologia, tanto questões imanentes a ela como suas relações intrínsecas à Filosofia e outras áreas do conhecimento. Com sua ampla compreensão sobre os problemas levantados, o professor foi capaz de demonstrar como a Fenomenologia, sua história e desenvolvimento podem e devem ser constantemente revisitados para contribuir com qualidade não apenas em problemas levantados pela própria Fenomenologia como também em questões externas a ela.

Entrevistador: Professor Pedro, o senhor poderia realizar um pequeno resumo introdutório sobre o que é Fenomenologia?

Pedro M. S. Alves: Relativamente à Fenomenologia enquanto tal, um ponto extremamente interessante é o fato de a Fenomenologia ser uma novidade filosófica do Século XX. A palavra *Fenomenologia* existe há vários séculos, mas foi usada por Lambert, por Kant, por Hegel, para dar apenas três referências, em sentidos bem diversos do sentido que ela teve a partir da obra de Husserl, no Século XX. Isso faz da Fenomenologia uma das correntes filosóficas da Contemporaneidade. Evidentemente que há um diálogo intenso com o passado, principalmente com os discípulos de Husserl, mas a posição fenomenológica, o método fenomenológico de pensar, é inaugurado no Século XX. Agora, o que é *Fenômeno* no sentido da Fenomenologia? De fato, é algo que não tem nenhuma relação com o que um *fenômeno* era nos outros sentidos anteriores. Na forma madura que Husserl compreendeu o que é um *fenômeno* no sentido da Fenomenologia, trata-se de um estudo da correlação noética-noemático, em outras palavras, um estudo da constituição objetual e que depois, isso nos anos (19)20, caminha para uma nova versão da Fenomenologia, que é uma História da instituição do sentido, no quadro da Fenomenologia Genética. Em suma, todas estas feições da Fenomenologia, estática ou genética, são formas completamente novas de interrogar a realidade. Outra coisa que é importante sublinhar é que a Fenomenologia, no seu impulso fundamental, é animada por um intento cognitivo. Isto é, ela não é estética, não é ética, ela tem um intento cognitivo

* E-mail: yuriferrete@gmail.com

Submetido em: 31/08/2022. Primeira decisão editorial: 19/09/2022. Aceito em: 28/12/2022.

fundamental, tal como a outra “irmã” desavinda que nasceu no Século XX, a Filosofia Analítica. São ambas correntes que são dominadas por um intento cognitivo básico. Eu não diria que se trate de um privilégio da atitude teórica, mas sim de que o que mais importa na Fenomenologia, não sendo as outras coisas desinteressantes, é que ela se apresente como o lugar mais elevado de compreensão da realidade. Não da realidade empírica, porque isso tem a ver com as ciências positivas, mas com a estrutura conceitual, noético-noemática daquilo que experimentamos como O Real. Neste sentido, a Fenomenologia realiza uma virada que parece ir no sentido da interioridade, da Psicologia, a tal ponto que muitas vezes aparece como uma Psicologia disfarçada. Isso é um erro, porém. A virada para a consciência intencional tem que ver com a descrição dos processos pelos quais há para nós experiência de realidade. É para isso que a Fenomenologia encontra uma nova via. Não uma análise positiva da linguagem, como fez a Escola da Filosofia Analítica em seus primórdios, mas o estudo do processo constitutivo da realidade dada por um sujeito que a experiencia. Este é o ponto importante da Fenomenologia em meu entender, esse desígnio teórico e a forma inteiramente nova como ela o realiza no panorama das outras doutrinas filosóficas. Queria sublinhar ainda um ponto que já mencionei e que me parece a todos os títulos importantes. É o seguinte: a Fenomenologia e a Filosofia Analítica, que também não é um bloco uniforme, mas contém uma diversidade de correntes tal como a Fenomenologia, são ambas filhas do Século XX.

Entrevistador: Dando continuidade, gostaria de pedir ao senhor que possa também dar um panorama da contribuição da Fenomenologia dentro da própria construção da Filosofia.

Pedro M. S. Alves: Nisto eu seria um pouco mais pessimista e já digo o porquê. Olhando a história da Fenomenologia no Século XX, o meu balanço não é um balanço totalmente positivo, mas antes matizado. Na primeira metade do século, ocorreu um profícuo movimento de proliferação. Verificou-se um natural crescimento da diversidade de perspectivas, isto é, de atos de refundação depois de fundação primitiva. Assim, surgiram várias correntes dentro da Fenomenologia. Heidegger é talvez o primeiro

a apresentar dentro da Fenomenologia uma alternativa maior relativamente à matriz original, que é husserliana. Porém, outras versões não pararam de surgir pelo menos até o fim da primeira metade do século XX. Aí, a Fenomenologia era de fato um método de trabalho, de investigação e de correlação fundamental com a Filosofia, portanto, de autorreflexão da Filosofia sobre seus pressupostos. Isso aconteceu com Merleau-Ponty, com Heidegger, com Husserl, para falar apenas de autores mais conhecidos. Na virada para a segunda metade do século, contudo, a Fenomenologia perdeu grande parte do seu intento cognitivo e foi cada vez mais se tornando uma escolástica e uma pura indagação histórica. O primeiro elemento que acentua essa deriva foi a querela entre heideggerianos e husserlianos, que foi, no fundo, uma querela infrutífera: nem os heideggerianos convenceram os husserlianos e nem o contrário aconteceu. Mas todo o trabalho de uma geração de importantes estudiosos perdeu-se em interpretações, em hermenêutica do *corpus* fenomenológico anterior, como também em discussões que, quando sopesadas, não trouxeram nada de novo, a não ser interpretações e reinterpretções dos autores fundadores. A Fenomenologia perdeu, portanto, sua dinâmica primitiva. Isso é uma coisa que eu lamento, isto é, a circunstância de a Fenomenologia ter entrado na fase da história do estudo de um *corpus* filosófico inerte, que já estivesse amputado, digamos assim, dos impulsos que animaram sua formação. A situação atual, não só do fim do século passado, como no início deste século, é uma situação um pouco diferente. Continua a haver uma forte tendência para pensar que se faz Fenomenologia com erudição, lendo os autores da tradição fenomenológica, e que este trabalho de leitura dos autores da tradição será fazer Fenomenologia. Mas isso, obviamente, não é Fenomenologia. É História da Fenomenologia. Confundir as duas coisas seria tão ridículo quanto um Professor de Física ensinasse não Física, mas a História da Física. Não estaria ensinando Física, estaria fazendo outra coisa. Nomeadamente na nova geração, pessoas que são brilhantes do ponto de vista acadêmico, como *scholars*, estão a delapidar os seus dons, fazendo um trabalho de reconstituição

histórica das fontes. É um trabalho respeitável, mas não é o trabalho fundamental da Fenomenologia tanto quanto levemos a Fenomenologia a sério, como a demanda das próprias coisas, como regresso aos problemas e às coisas elas mesmas, como está aliás dito nas palavras de seu fundador. Entretanto há, e eu o congratulo-me com isso, ao lado desta tradição de feição *historicizante*, um despertar da Fenomenologia para problemas teóricos de fundos e uma abordagem fenomenológica de uma profusão de temas e problemas em que a Fenomenologia está se tornando de novo uma escola viva do pensamento. Por conseguinte, a boa novidade é que a Fenomenologia para certos acadêmicos deixou de ser um *corpus* textual morto e que este *corpus* passou a ser um material intelectual e conceitual com base no qual se trabalha, mas com o intento de tratar das próprias coisas, de intervir nos problemas da atualidade e de pôr esse *corpus* conceitual de análise a serviço da investigação filosófica positiva. Portanto, o que mais me choca na Fenomenologia é o modo como ela se esterilizou na segunda metade do Século XX. Em contraste, este processo não se verificou na Filosofia Analítica, onde há uma forte consciência da tradição, mas para a qual é claro que fazer Filosofia Analítica não significa escrever livros sobre Frege, Russell, Carnap ou Quine, por exemplo. Fazer filosofia significa outrossim partir das teses de alguns destes autores para fazer trabalho novo. Acho que isto é um espírito de trabalho e de procura incessante, que deveria também ter enformado a Fenomenologia no seu trajeto ao longo do século XX. Estamos felizmente num processo de recuperação do que se perdeu na Fenomenologia: o entendimento da Filosofia como *zetesis*, ou seja, como procura incessante, e não como uma dogmática, muito menos como hermenêutica histórica.

Entrevistador: Professor, como terceiro ponto de nossa entrevista, peço ao senhor que explique um pouco sobre as relações das zonas de contato da Fenomenologia com outros campos do saber e com outras ciências.

Pedro M. S. Alves: Nesse momento, estão surgindo cada vez mais zonas de contato tanto entre a Fenomenologia e outras áreas do campo filosófico como com outras áreas que já não pertencem *stricto*

sensu ao campo filosófico. As conexões são várias, com a Filosofia da Mente desde logo, para falar dentro do campo filosófico. Também com a Filosofia da Matemática ou a Filosofia do Direito. No campo das extensões, as teorias fenomenológicas que vão no sentido da descrição da experiência subjetiva ou das conexões intersubjetivas estão também sendo relevantes. Nomeadamente, os problemas que têm que ver com aspectos da ética prática e da subjetividade intergerem com áreas que não são estritamente filosóficas, como a enfermagem, a ética médica, a gestão de organizações, e outras áreas que já não são, sob nenhum aspecto, áreas da filosofia. Entre todas elas, o diálogo com a Psicologia tornou-se um vasto campo de investigação que importa salientar. São apenas alguns exemplos que, em meu entender, mostram um crescimento da Fenomenologia que extravasa o campo da Fenomenologia no sentido estrito e entra em comunicação não só com outras escolas filosóficas, nomeadamente a tradição analítica, que é uma tradição viva, como também com áreas que estão fora do núcleo das disciplinas filosóficas. Aí, os instrumentos fenomenológicos, nomeadamente no que tange a Teoria da Intencionalidade, da intersubjetividade, da comunicação, são postos ao serviço de preocupações que são ao mesmo tempo questões teóricas e práticas, muitas vezes também clínicas e profissionais, no sentido lato.

Entrevistador: Professor, o comentário anterior do senhor trouxe-me à tona o desejo de falarmos um pouco sobre a questão da naturalização da Fenomenologia. O senhor aceita falar um pouco sobre isso? Eventualmente, o quanto este processo pode interferir, ou não, no princípio fundamental da forma de indagar o mundo fenomenologicamente.

Pedro M. S. Alves: Isso foi uma coisa muito debatida há umas décadas. Tinha que ver com chamar não só as Ciências Naturais positivas como a Neurologia, a Psicologia, e outras ainda, a um diálogo produtivo com a Fenomenologia, como também, mais fundamentalmente, com a reversão de uma tese husserliana de fundo segundo a qual a intencionalidade não é naturalizável. Há acadêmicos que têm relativamente a isso uma rejeição de princípio. O projeto de naturalização

da Fenomenologia se implica na tradução em linguagem naturalista da intencionalidade. É um processo que vai a contrassenso da tese de fundo que alçou a Fenomenologia como disciplina filosófica, que é a tese de que a intencionalidade é uma relação não natural com um objeto natural, e que, portanto, nunca podemos ter um equivalente, em termos fisiológicos, neurológicos, ou mesmo computacionais, daquilo que chamamos o fenômeno da intencionalidade. Eu não estou nada de acordo com isso. Não estou nada de acordo com essa rejeição liminar, pelo contrário, acho que é algo produtivo. O que me parece é o seguinte, quando a Fenomenologia, tal como eu entendo, sublinha que a intencionalidade não é naturalizável, isso, para mim, é a garantia de que a Fenomenologia está atenta a um aspecto da intencionalidade que permanece até hoje irreduzível a teorias naturalistas. Mas isso não significa que uma boa teoria naturalista não naturalize por fim a intencionalidade. Só que essa boa teoria naturalista é uma teoria que não tem que ver com as teorias atuais, que estão muito longe de alcançar esse ponto de sofisticação compreensiva e explicativa. É como quando se discute o problema mente-corpo. O dualismo é incorreto, mas o dualismo tem de ser provisoriamente mantido, com cautela, contra reduções demasiado apressadas e que empobrecem o sentido do mental. Pese embora tudo isso, estou seguro de que o mental não é diferente do físico, só que ainda não temos a física que englobe o que chamamos de o físico e o mental. Quando tivermos essa física, aí eu serei monista. O mesmo com a naturalização da Fenomenologia: quando tivermos uma teoria naturalista que dê cabalmente conta da intencionalidade, essa tese que para mim é apenas provisória, que nenhuma teoria natural dá uma contraparte ou uma explicação cabal da intencionalidade, essa tese cairá. E só teremos de nos congratular com isso.

Entrevistador: Para encerrar esta entrevista, te peço, Professor, para traçar alguns comentários sobre a Fenomenologia e sua relação com temas da contemporaneidade.

Pedro M. S. Alves: Isso tem que ver um pouco com a terceira pergunta, não será? Em minha opinião, a Fenomenologia, pensada hoje, para que qualquer

resposta tenha interesse, terá que ver diretamente com a Fenomenologia de amanhã. É a Fenomenologia para o futuro. Só uma Fenomenologia intervindo na atualidade é a Fenomenologia com um projeto de futuro. Nesse sentido, eu acho que a Fenomenologia tem de se refundar. Tem de partir de um adquirido, que é importante, impossível de revisar, e que representa um patrimônio riquíssimo. No entanto, com base nesse patrimônio, ela tem de continuar inquirindo e inquirindo sempre mais. Os problemas que se podem deparar à inquirição fenomenológica não têm de ser problemas nascidos da própria inquirição fenomenológica. São problemas com que nós, globalmente falando, como humanidade inserida no seu mundo natural e social, nos vamos confrontando. Então, eu diria que mais que de um retorno a Husserl, ou Scheler, ou Heidegger, teremos de retornar ao mundo vivo em que estamos, e descobrir aí as novas questões e submetê-las a uma análise fenomenológica, tanto quanto isso seja interessante e produtivo, sem escrúpulos de escola e muito menos sem ditames de ortodoxia dogmática. Temos de nos reinventar porque a situação, um século decorrido sobre a fundação da Fenomenologia, a situação teórica, das ciências, do estado das ciências e a situação do mundo cultural e social é completamente diversa. Simplesmente querer que a Fenomenologia continue desenvolvendo-se imanentemente, fechada sobre ela própria, seria como se a Fenomenologia enquanto disciplina teórica tivesse um crescimento interno desligado do resto da realidade. Este tipo de desenvolvimento ensimesmado não parece que ninguém o tenha. Temos antes um crescimento orgânico na medida que sabemos atuar e interatuar com nosso meio e sermos produtivos nessa atuação. Portanto, nada me choca abandonar as autoridades de sempre da Fenomenologia e abrir novas avenidas na direção do futuro.

Pedro M. S. Alves

Professor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestre em Filosofia com a dissertação *A posição da dúvida no pensamento de Descartes*, aprovada com distinção máxima, e Doutor em Filosofia com a tese *Subjetividade e tempo na Fenomenologia de Edmund Husserl*, aprovada com distinção e louvor, ambos pela Universidade de Lisboa. Atualmente, é professor

permanente na mesma Universidade; é Diretor e Editor da *Phainomenon* — Revista de Fenomenologia; Editor do Boletim Ibérico de Fenomenologia da Universidade de Santiago de Compostela. É membro do conselho de redação da Revista *Philosophica* do Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa. Membro do CLAFEN —Círculo Latino-Americano de Fenomeologia. Membro do Conselho Científico da Revista *Investigações Fenomenológicas* da SFE — Sociedade Espanhola de Fenomenologia. Ex-presidente da Associação Portuguesa de Filosofia Fenomenológica — AFFEN. Publicou vários artigos e livros na área de Fenomenologia, entre os quais *Subjetividade e Tempo na Fenomenologia de Husserl e Descartes, Leibniz e a Modernidade*.

Yuri Alexandre Ferrete

Doutorando em Filosofia pela Universidade de Lisboa (2022 — vigente, Portugal). Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Federal do Paraná (2017 — 2019, Brasil). Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2011 — 2015, Brasil). Atualmente, é Professor Auxiliar da Escola de Psicologia da PUCPR — Escola de Ciências Médicas e da Vida (2019 — vigente). Membro do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da UFPR (Brasil). Editor Associado da Revista *Phenomenology, Humanities and Sciences*. Membro associado do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (FLUL), grupo HPhil (História da Filosofia). Membro do GT ANPEPP Saúde e Processos Psicológicos.